

Título

Mentes, máquinas e arte: parcerias criativas

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Blog do Itaulab - http://itaulab.blogspot.com/2006_10_01_archive.html

Mentes, Máquinas e Arte: Parcerias Criativas

O centro Itaú Cultural, em São Paulo, está promovendo a mostra “Emoção Art.ficial 3.0”. Em sua terceira edição, a exposição privilegiou a questão das interfaces, realçando aquelas ditas cibernéticas, ou seja, que dão um sentido de retorno aos visitantes, com eles interagindo, em um caldeirão de múltiplas transformações.

Cheap imitation e *Software mirrors*, por exemplo, dissolvem o corpo em miríades de pixels, compondo novas imagens, surreais e fantasmáticas, com um efeito estonteante. Nesses “espelhos” digitais, vemos pelos olhos dos sensores maquínicos e podemos vislumbrar como somos vistos por esses nossos parceiros inorgânicos. E esse pequeno entrever já nos mostra quão perto e quão distantes estamos do mundo das máquinas. Parafraseando Wittgenstein, se um dia a máquina pensar, nós não seremos capazes de entender os seus pensamentos.

Cheap imitation lembra, de alguma forma, Walter Benjamin, ao insinuar que talvez um passo além da reprodutibilidade técnica seja a possibilidade da criação do novo a partir dessa reprodutibilidade, mediante as infinitas combinações e recombinações processadas no espaço digital. A obra “Nu descendo a escada” (Marcel Duchamp) se estilhaça em fragmentos que se colam e se desdobram a partir dos movimentos do visitante. Cada um desses fractais não deixa de ser um símile, uma “imitação barata”, sem deixar de ser, porém, uma obra nova: efêmera, plenamente cibernética, aberta.

Chamam a atenção também as obras de ação-real / reação-virtual, que nos despertam para o entrelaçamento de mundos no qual habitamos. Soprar um microfone faz com que as flores virtuais voem para longe, na tela, segundo a força do sopro. O que pareceria, em princípio, destinado ao sonoro, torna-se uma simulação háptica, permitindo o controle, via força do sopro, da distância e da quantidade de flores voando. Passo a passo, as novas tecnologias vão descobrindo formas de se misturarem a todos nossos sentidos, e o tato não escapará.

Ouvir a tradução sonora dos movimentos de alguém dentro de um pequeno quarto nos revelam um pouco de um mundo em que luz e sombra, som e silêncio, presença e ausência são apenas faces de um mesmo prisma.

A exibição nos desperta para o fato de que estamos plasmados em um cotidiano de novas tecnologias, que imprimem suas feições e espectros de utilidade em nossos complexos cérebro-mente, passando a fazer parte de nós mesmos.

Se nos hominizamos em grande parte devido à nossa habilidade para lidar com instrumentos, agora discutimos em que medida nossos brinquedinhos nos transformam em algo radicalmente diferente (o pós-humano) ou simplesmente liberam mais potencial para sermos cada vez mais nós mesmos (o hiper-humano).